

Otimismo brasileiro também atende pelo nome de autoengano

Bernardo Carvalho

Folha de S.Paulo, Ilustríssima, 25.ago.2019

Otimista quer crer que o mercado, as instituições e o próprio governo vão frear os desvarios do chefe da nação

Durante as eleições presidenciais, um certo otimismo brasileiro tentou nos convencer de que a incompetência do atual presidente era sua maior virtude. Quanto mais tosco, mais manipulável; sua presença no cargo seria, na pior das hipóteses, inócua.

O presidente seria um fantoche nas mãos dos interesses representados pelos inicialmente chamados superministros da Economia e da Justiça, sem o apoio dos quais ele provavelmente não teria condições de se eleger e muito menos de governar. Sendo o presidente um idiota, governaria o governo.

O otimismo brasileiro também atende pelo nome de autoengano e oportunismo.

Além de continuar querendo crer que o presidente é burro, o otimismo brasileiro agora tenta nos convencer de que, numa reviravolta inesperada, o presidente trabalha contra o governo.

O raciocínio é sedutor, porque nos alivia da responsabilidade e sobretudo da perspectiva da deriva e do desmonte como política de Estado. O otimismo brasileiro quer crer que, no final das contas, o mercado, as instituições e o próprio governo serão suficientes para frear os desvarios do chefe da nação. Nem é preciso dizer que ele é o primeiro interessado em que você acredite nisso. A despeito das aparências e de todo o otimismo, o presidente e seu governo não são coisas distintas.

O otimismo brasileiro continua querendo acreditar que pode domar o presidente a seu favor. Está difícil (e ficará mais difícil quando se confirmarem os efeitos de uma nova crise econômica internacional), mas o otimismo brasileiro é obstinado e voluntarioso, não vai abrir mão de suas crenças já na primeira contrariedade.

O mais desagradável nesse meio-tempo foi entender que o oportunismo não é exclusividade de ninguém. Quem está acostumado a levar vantagem tem dificuldade de mudar de ideia sobre quem está usando quem.

Uma vez no poder, o projeto de assalto ao país (desmantelamento da verdade, da justiça, da ciência, da educação, do meio ambiente) atrelou um eventual fracasso do governo ao risco do caos.

Fomos levados a associar a verdade e a justiça a inimigas da economia e do combate à corrupção. Entre a cruz e a caldeirinha, fomos forçados a acreditar, pelo estilo aparentemente intempestivo e descontrolado do presidente, que seu governo trabalhava para nos salvar dele, quando desde o início tem sido justamente o contrário. O projeto do presidente seria insustentável sem o aval e a fachada de um governo de aparente idoneidade no trato da economia e no combate à corrupção.

É verdade que as condições para a tempestade perfeita já estavam delineadas no horizonte havia anos. O presidente não é nenhum gênio, mas não se devem desprezar seu sentido de oportunidade, seu faro e sua estratégia. Suas idas e vindas aparentemente

contraditórias fazem todo o sentido. Vai chutar a porta até abri-la, sempre que houver uma oportunidade, quando estivermos distraídos, quando ninguém estiver olhando.

Não há perspectiva de sobrevivência para ele e sua família fora do caos, fora da guerra civil, em um mundo norteados pelos valores da justiça e da verdade. Manipulando a má-fé e o oportunismo alheio, o presidente tem conseguido fazer seu governo trabalhar em concerto com ele para a instalação do caos.

Inédito no Brasil, “Ornamento”, do colombiano Juan Cárdenas, é um romance perturbador, que fala da ambiguidade da manipulação, num sentido perverso que articula capitalismo, drogas, desejo e identidade. É difícil entender quem manipula quem. E quais são as últimas consequências dessa manipulação. Uma incompreensão análoga está na base do nosso suicídio coletivo.

Sem mencioná-lo, o romance remete ao célebre texto de Kleist sobre o teatro de marionetes, que atribui a graça à inconsciência do gesto. Embora conduzidos por cordéis manipulados por um ator oculto, os movimentos dos títeres, ao contrário do ator condenado à afetação da sua consciência, incapaz de reproduzir a graça de ações irrefletidas, têm a naturalidade de obedecer unicamente à mecânica do seu próprio centro de gravidade.

O texto suscita uma série de questões desestabilizadoras sobre as ideias que fazemos a propósito da consciência e da autodeterminação. Pode não ter a ver diretamente conosco, mas faz pensar na ambiguidade da relação perversa e suicida na qual nós, brasileiros, espantosamente nos deixamos enredar. À diferença das marionetes, entretanto, nosso centro de gravidade foi substituído pelo desequilíbrio entrópico do nosso próprio oportunismo. Não podia ter mesmo a menor graça.